



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 263 • PREÇO 1\$00

NOTA DA QUINZENA

Ontem ao entrar na cozinha pelo meu café, dou com um pobre da Conferência sentado à cabeceira da mesa, tigela à sua frente e um naco de pão. De tão ocupado, nem deu fé da minha entrada! A distância, sobre uma outra mesa, o *Manel do Embrulho* serve-me. Ali é um mundo. Três janelas rasgadas, recebem e transmitem luz. O imenso fogão, prepara àquela hora a deliciosa refeição do meio dia. Quatro são os cozinheiros que o circundam... Gatos. O *Marão*. Galinhas com ninhadas. O refei-

toreiro das senhoras. O refeiteiro dos senhores. O *Pataco* com as grandes latas para os restos de comida. Passos, palavras e ideias desencontradas. Ali é um mundo! Estes rapazes da cozinha e anexos, estão precisamente no mudar de fala. É a idade dos tormentos! Tormentos deles e tormentos nossos. Nunca com eles então necessitam eles de uma ajuda e nunca como então necessitamos nós de paciência. Mas continuemos. Estávamos ali todos. Cães, gatos, galinhas, pintaínhos, o *Caçola* que é o da hortaliça e o pobre da Conferência a tomar o seu café. Do outro lado, também eu sorvia; nunca como naquela hora me soube tão bem! Enquanto fixava os meus olhos no visitante, via nele a consistência das nossas casas; da nossa Obra; da *Obra da Rua*. Toda aquela adorável desordem de que acima dou notícia, tinha nele e por ele harmonia e segurança.

Mas há mais. É o *Semanel Duarte*. Este vem todos os dias e em vez de ser na cozinha é na copa que se senta. Lá estava ele. Foi um soldado da chamada primeira grande guerra. Durante muitos anos, recebeu pensão e ora não recebe. Não tem uma perna. Em vez de ir buscar e rebuscar nas entidades oficiais, tivemos por melhor dar-lhe aqui trabalho que ele possa fazer. Come e no fim do mês leva o seu dinheirinho. Mais consistência. Mais riqueza. Manancial. Atração.

Mas ele há muito mais. É o nosso hospital. Não temos aqui na aldeia edifício que eu mais goste. Depois da capela, vem o hospital. Dois santuários! Ontem à noite estive ali. Era sózinho. Havia silêncio e penumbra. Há dois pequeninos doentes, um dos quais é o Caetano. Ainda o Caetano! Cada um em seu leito, cabeça sobre brancas almofadas. Demoro-me um bocadinho à beira de cada um. Se qualquer deles tivesse mãe e esta ali presente, seriam modelos vivos da criança feliz. Outra vez mais consistência. Manancial. Riqueza. Projecção.

Antes de me retirar, espreito de longe a cancerosa no seu gabinete de sofrimento. Tinha os olhos cerrados. Havia silêncio e penumbra. Faço uma pausa. Olho em redor. Há quartos. Há enfermarias. Uma sala com mesas e sobre estas vasos de flores. Passadeiras de tiras, correm pelo chão. Pobreza e asseio dão-se as mãos. Sentia-me ali bem. Sentia-me quente!

Saindo desta casa de Paço de Sousa para a de Miranda ou do Tojal, mudando-se de terra, não se muda de clima. Todos os meses e na maré das nossas reuniões, os meus companheiros colocam



Todos conhecem aquela história que nos conta o livro da escola. Um pai foi encontrar o filhito a fazer uma gamela de madeira e espantado pergunta-lhe para quê tal objecto. E a criança inocente responde prontamente: *é para quando o pai for velhinho comer nela, como agora o pai faz ao avôzinho.*

Aquela criança vê o avô afastado da família pelo próprio filho e a comer numa gamela de madeira e inocentemente começa já a fazer o mesmo para o seu pai quando for velho.

Filho és, pai serás; como o fizes, assim acharás.

Um dia passava eu num caminho de lama e à beira de uma cortelha enxarcada senti gemer. Empurrei uma porta velha e vi

Outra vez África

Desta feita, trata-se de uma porção daquele continente a que chamam, por agora, África Equatorial Francesa e estes dizem que lhes pertence. Fica no centro. É no coração. Mesmo que por avião se possa ir ali num instante, é muito distante. Costumes. Língua. Religião. Leis. Tradições. Fauna. Flora. Milénios sem literatural! Muito distante. Pois bem. *Bangui* foi o sítio aonde os portugueses levantaram a voz, tomaram a palavra e disseram que sim, com a soma de 107.000 francos. Acabamos de receber o aviso. Transaccionamos no Banco. Se vamos a considerar o valor deste dinheiro em relação ao nosso, aquilo é quase nada. O dinheiro da França tem hoje pouco poder.

Mas nós temos de ir por outro caminho; apreciar a uma outra luz. Se o dinheiro não vale ou vale pouco, em nada diminui nem sequer prejudica. Está a comunicação, a simpatia, o fervor. A alma dos portugueses. De todos os portugueses daquela região.

sobre a mesa de trabalho seus desvios e seus desmandos. Eles acham valores e trazem-nos para casa. Acendem o lume, dão-lhes comida quente curam as feridas, cerram-lhe os olhos, dão-lhes sepultura! Desvios. Desmandos. Parece que a nossa missão devia ser confinada ao rapaz da rua. Mas nós temos necessidade de pão para lhes dar. Este tem de ser mendigado. Sem obras, ninguém nos acreditaria. E eis porque temos de sair dos limites de um programa e topar a algo mais.

que os gemidos eram de uma velhinha na casa dos 80 anos. Sem ver ninguém (não havia luz lá dentro), perguntei quem era: *estou aqui tolhidinha das minhas pernas do frio e da chuva e da fome que tenho aqui apanhado há dois meses*. Prometi-lhe nesse momento uma casinha dos pobres e a velhinha só acreditou no dia em que a foi habitar. E tal foi a sua alegria que já foi por seu pé, embora amparada. Com o conforto e o sol e a alegria da sua nova casa começou a andar e chegou ainda a sair de casa muitas vezes para dar a sua voltinha à esmola.

Com o peso dos anos e rigoroso inverno deste ano as pernas tolheram-se outra vez. Ninguém por fora deu por isso; só uma velhinha, que divide com ela da sua pobreza, notou alguma coisa. Deu alarme e eu também escutei. Fui ver e não digo nada do que vi nem do que senti. Uma velhinha de oitenta e tal anos, há três semanas sem se mexer na cama, o corpo completamente chagado e purulento e roupa repelente que fez agoniar quem a lavou; a fome e dor e o desconforto daquele ser humano durante tanto tempo! *Nostra culpa.*

Foi o Sr. Prior com os Sacramentos da Santa Igreja e hoje já está a ser tratada piedosamente. São pessoas vizinhas e vai uma Senhora da nossa casa. Já fala e diz que está no Céu.

Em frente daquele altar de sofrimento, para várias vezes ao dia um filho e uma nora daquela velhinha. Nunca lá entraram. Aquele filho foi mesmo *filho do pecado*.

Faltas, quem as não tem? Quem há que atire a primeira pedra! temos que olhar acima de tudo à sua situação de filha de Deus; membro do Corpo Místico de Cristo que sofre; e porque sofre e porque irmã nossa, pois somos filhos do mesmo Pai, herdeiros do mesmo Céu, membros do mesmo Corpo temos nós de sofrer também a sua dor.

E se «O Gaiato» é uma pregação da Doutrina Cristã, aqui fica este caso para nossa meditação. Meditem os pais e mães, como aquela mãe, nos seus deveres sagrados de colaboradores de Deus, educadores dos homens de amanhã. Meditem os filhos, como aquele filho, nos seus deveres Sagrados de filhos de Deus e na autoridade e missão dos pais que vem do Alto.

E se todos nós meditássemos estas verdades, não teriamos os *Padres da rua* de pregar casos desta natureza.

Campanha de Assinaturas

Quem quiser apreciar o brio de um rapaz, meta-o em brios. Ontem, 5.ª-feira, pergunto ao encarregado se seria possível dobrar os 5.000 da venda, a tempo de eu os levar para o Porto na tarde de sexta. O encarregado é o *Manel Coco*. Tem 16 anos. O rapaz escuta sem nada me responder. Na sexta de manhã, estavam 5 pacotes de mil exemplares à porta do meu escritório! Que aconteceu? *Manel Coco* e *Peyroteu* e *Passarinho* e *Banana* começaram a dobrar e eram 5 horas da manhã quando a tarefa acabou! Soube-o depois. Disse-lhes que não. Que nunca mais. Mas esta vez foi assim.

Não poucas vezes, também, *Zé da Lenha* e seus ajudantes, entram pela noite dentro a tirar e retirar jornal. Ninguém lhes pede. Eu não desejo. Mas ninguém os segura.

As oito horas de trabalho não estão na mente do homem equilibrado. Não estão. Elas são o produto de uma convenção social. É o mundo contra o mundo. Ora cá por casa não há lutas. A mesa põe-se todos os dias. A sineta toca. A cozinha rescende. Lutas? Não. Não senhor. Trabalho sim. Se for necessário vinte e quatro horas, eles fazem dias de vinte e quatro horas.

Ainda estamos recebendo listas, se bem que mais raramente. Estamos. Mas desejamos mais. Queremos por aí fora. Queremos por aí além. Desejaríamos uma Catedral, céu por cúpula e todo o mundo a ouvir. Os homens de desejos não conhecem obstáculos, nem são jamais saciados.

Aqui, Lisboa!

No mesmo dia e quase à mesma hora, rodearam os muros da nossa quinta, dois cortejos originais. Um era dum indivíduo que em vida mais parecia mendigo que proprietário. Apareceu inanimado no chão sem assistência médica nem religiosa. Não teve amigos a velá-lo e poucas pessoas a acompanhá-lo. Herdeiros afastados mandaram vir um técnico para abrir o cofre, onde encontraram 200 libras em ouro e centenas de contos em notas. Ninguém sabe dizer se ele fez algum bem em vida aos outros ou a si próprio.

O outro foi o da tia Guilhermina, a pobre que os vicentinos descobriram desfalecida de fome e feridas purulentas, e trouxeram para casa onde foi carinhosamente tratada no corpo e na alma, pelas senhoras, até que se esqueceu, como aqui se diz. Sempre que a visitava era invariável o seu pedido: «padre, deixe-me ficar aqui até me curar ou morrer; não me mande para o hospital!»

Tinhamos já dado muitas passadas para isso, à falta de tão necessário hospício para incuráveis, mas a morte andou mais ligeira que os papéis. A Providência fez-lhe a vontade e fechou-lhe os olhos num sono tão tranquilo que o pequenino Zeca vivamente impressionado, perguntava: «patano [padre Adriano] a avózinha nunca, nunca mais acordará?»

Ao menos esta teve a acompanhá-la os vicentinos, todos os gaiatos e inúmeros pobres.

Estes dois casos juntamente com um terceiro que trazemos entre mãos há um ano — o internamento dum tuberculoso que vivia numa pocilga e a quem demos a casa mais linda do Património — põem-nos em frente de três reinos [se é que nos dias de hoje se pode falar em reinos] que se entrecrocavam mutuamente: o da ganância egoísta, grosseira e materialista, o da burocracia indiferente, automático, papuloso que diz à própria morte que espere se quiser, e o da caridade compassiva, diligente, carinhosa.

Só ela merece a coroa de rainha e contudo é a mais despresada.

Passa a opulência no seu carro de luxo e cortejo de lacaios e todos tiram o chapéu; passa a burocracia com sua pasta de decretos e, ai de quem não acatar. Só a caridade não passa porque se esconde; sofre com os que sofrem, espera, acaricia, suavisa, ama até para além da morte. Como a piedosa mãe que reúne e beija e rega de lágrimas os membros decepados do filho esmagado pela engrenagem dum blindado carro de assalto, assim a caridade.

—O registo de donativos, deste mês, abre hoje com uma casa de doze, cujo vovote deseja se denomine «Vivenda Maria». Os vicentinos de Parede vão dar realidade a esta piedosa promessa. A Senhora da Rua... também pode ir ver a Sacavém, a cem metros da fábrica da loiça, se a casinha que ali está a subir, está a seu gosto. O assinante 4.419 vai já na 3.ª prestação de mil cada; a de Santo Condestável mandou a 1.ª. A Vacuum manda a 80.ª com 1.140\$ e a seguinte com 1.155\$. A Nestlé, não conta as prestações, mas aparece aqui com duas de 172\$50 e 221\$. Os empregados do Banco de Portugal, além da casa já mencionada, vêm com mais 1.350\$. Mil para as conferências de Paço de Sousa e do Tojal; 100\$ e um bolo pelas mãos trémulas duma doente, para quem pedimos as melhores; um cabrito que, na expressão do oferente, era um amor; roupas de homem e criança, de Santarém; 500\$ dum assinante à porta de uma igreja; mais 50\$ e 40\$ e 20\$ no mesmo sítio; no Tojal 100\$ e 4 hectares de terreno já lavrados e livres de encargos. No Lar 100\$ e roupas usadas; da figueirense as suas cotas mensais. Para o Património dos nossos irmãos 20\$ e mais 15\$; para os «irmãos pobres da Curraleira» 50\$ e remédios. A propósito, lembro o tabaco do ceguinho. Julgava que ele estava fornecido para o resto da vida, mas enganei-me nos cálculos. O ti-Lúcio diz que voltou ao mata ratos por se ter esgotado o suave...

Uma dúzia de Crucifixos, da Cova da Iria, para as casas do Património. Boa lembrança! Os doentes do Sanatório disputam também entre si os Evangelhos e terços e revistas que nos enviam. 20\$ do Porto; 50\$ da Maria da Esperança e mais 230\$ do primeiro ordenado doutra Maria sem Esperança que diz assim: «às minhas orações, Ele tem-se mostrado tão indiferente e tão surdo... Chego mesmo a desesperar e a perder a fé!» Isto não se confessa aqui. Que estas Marias leiam e releiam nas páginas do Evangelho a lição da Cananea, do escorpião e do calhau. Da Formiga e seus ajudantes 60\$; 100\$ dum Prelado; 500\$ da Abilheira; 50\$ no Banco; fotografias do lé-lé; Mais 860\$ do Tojal para a igreja; 400\$ sufragando a alma do pai, irmã e tia Maria; 100\$ e um livro de visitantes do Brasil; revistas para a biblioteca do Casal Agrícola; duma paróquia de Arroios 100\$; à mão, numa padaria 20\$; roupas duma mãe sem filhos e roupas dum filho pelos seus pais ausentes em África; 120\$ dos E. do Crédito Predial; 100\$ de Mafra, pelas intenções recomendadas e despachadas. Um peru de Lisboa e a habitual carrada do Montepio.

Padre Adriano

UM RELATÓRIO

Visto como temos casas do gaiato nas dioceses de Lisboa, de Coimbra e do Porto, a cada um dos seus Bispos, que são os nossos Superiores, enviamos o original deste relatório; e fazemos gosto que todos os fiéis o conheçam.

Aonde os bispos, af o Papa. Aonde o Papa, Cristo. Cristo, a Vida Eterna. E os leitores das quatro partidas do mundo que tiveram ocasião de apreciar, há dias, o relato de dinheiros, agora, podem fazer o mesmo com o caminhar da obra. Tudo é escândalo. Espera-se que a pequenina grei dos *padres da rua* vá aumentando. Que não venha jamais nenhum a fugir à cruz, mas sim e sômente a procurá-la. *Adauge dolorem!*

O actual número de rapazes é de 160 em Paço de Sousa, 40 no Lar do Porto, 60 na Casa de Miranda, 20 no Lar de Coimbra, 15 no Lar de Lisboa e 105 na Casa do Tojal—400 rapazes. Em vez de aglomerar, a tendência deve ser dividir e jamais ir além dos cem rapazes por cada casa. Os grandes números são um engano. Perde-se o toque de cada um. Não os conhecemos. Mantemos, sim, mas não se educa.

«Aldeias» em posição ao clássico asilo. Comunidades de cem, aonde o educando possa ser e seja de facto chamado à sua obrigação e a ouvir dizer muitas vezes que sem trabalho nada se faz. Não conheço nada tão propício à auto-depuração. Com efeito, o vadio elimina-se por si mesmo e vai procurar os calaboiços. Não se pode vir a queixar amanhã da sociedade. Tão pouco da nossa parte houve injustiça. O rapaz determinou-se. Escolheu. É o equilíbrio.

Além do amanho das quintas, a Casa de Paço de Sousa está suficientemente apetrechada com oficinas manuais e mecânicas, sendo a principal a Tipografia, aonde uma equipa de 20 rapazes, dá de comer a 400 companheiros. As Casas de Miranda e do Tojal tendem, mas encontram-se, por enquanto, em estado mais rudimentar.

Temos duas escolas em Paço de Sousa, outras tantas no Tojal e uma em Miranda. Pela primeira vez na história da obra, vai entrar em exercício um «gaiato». Esperamos dentro em breve tempo ter rapazes da obra à frente das escolas. Se nas oficinas dá muito certo, que dizer da Escolas?

Em todos os Lares e Quintas mantemos grupos de vicentinos os quais visitam regularmente os seus Pobres. Não escolhemos. Não apontamos. Aceita-se o rapaz de boa vontade. As conferências estão oficialmente reconhecidas e do seu movimento, costuma falar o Boletim.

Sente-se muito a falta de um padre espiritual, que vá por todas as Casas, sem obrigação de permanecer em nenhuma. Muitos estragos que se desenrolam no seio das comunidades, seriam atenuados com a presença do sacerdote. É certo que estes rapazes procuram, querem acertar, chegam-se quando vêm os padres das primeiras sex-

tas-feiras, mas sente-se a falta de permanência.

Há Levitas que desejam alistar-se, mas os Prelados, por enquanto, não os dispensam.

Em todas as nossas Casas, temos as chamadas «senhoras», cada uma à frente da sua repartição. Aqui, são três ex-professoras de Melres e Alcobaca e Estoril, que trocaram a *família e os campos por esta vida difícil*. Noutras casas, outras. As senhoras são indispensáveis no nosso meio. Não há nada que as substitua. Sabe-se que o Governo Inglês aceita e dá preferência a Ordens Religiosas da Igreja Católica, em casas de rapazes, mas as de homens não as quer.

Estamos rodeados de dificuldades. Primeiramente o próprio rapaz. A sua origem. Antecedentes. A massa. O sangue. O maior prodígio consiste, mesmo, em fazer com eles tudo quanto está hoje à vista!

Uma boa percentagem não chega ao fim. São as taras. As inclinações para o roubo, que parecem ingénitas. O hábito da mentira. A tração.

Os próprios vicentinos, às vezes, também falham; tem havido casos de desvio do dinheiro das esmoladas!

A seguir, temos a presença dos grandes anormais. Temos deles em todas as casas. Eles constituem um estorvo e são a permanente ameaça aos costumes. Por último, temos a facilidade da «porta aberta» nas cidades, aonde justamente são os de maior perigo...

Quanto a possessões, em primeiro lugar, falamos da chamada «Quinta da Mitra», situada em Santo Antão do Tojal, hoje Casa do Gaiato de Lisboa. É nossa desde 1947. O Eminentíssimo Senhor Cardeal cedeu-nos e nós aceitamos. Tomamos conta de ruínas. Temos reconstruído e feito obra de raiz tendo gasto, até hoje, a soma de 2986 contos, sem falar dos gastos gerais. O povo do Tojal, com a sua igreja espoliada em 1910, vivia à margem dos costumes cristãos. Pois bem. A presença da Casa do Gaiato, que nada diz nem faz, está mudando lentamente a sua atitude.

A Casa de Miranda, aberta há doze anos e berço, era um hectare de terreno e sua pequenina vivenda. Hoje são sete com 400 oliveiras. Espera-se que dentro em pouco dê de comer aos seus. Edificamos capela, e refeitório, casas de habitação, escolas, estábulos. Gastamos até hoje 1654 contos, sem falar das despesas gerais.

A Casa de Paço de Sousa, era o convento e cerca dos antigos beneditinos. Tomamos conta em 1943, tudo em ruínas. Construimos até hoje dezassete magníficos e grandiosos edifícios, com uma superfície de 7200m², com os quais dispendemos 3960 contos. Tanto nesta como nas mais quintas, temos surribado, plantado árvores, explorado águas, dilatado terras, tudo com o fim de tirar o pão desta nossa gente.

Regresso da Venda

É um chilrear. Ainda vêm ao fundo da avenida e já nós o sabemos! Uma vez ao pé de mim, solta-se a dificuldade que jamais fui capaz de vencer; levar cada um a falar por sua vez. Impossível, tal o ímpeto! Compreende-se. Eles não podem. São notícias vivas. Melhor. Estas notícias são a vida deles. Não podem.

É uma hora deliciosa. Um desdobrar majestoso. Cada um manifesta-se de janelas abertas, que são os olhos. Andam no ar as notícias confusas e alegres como eles. São pequeninas ofertas que eles mostram e perguntam se podem guardar. São recados que trazem para me dar, e aí vem uma data de nomes e de notícias e de desejos. Oh pequeninas pontes de corações, por onde passa tanta beleza! Como o mundo é formoso! Que bons não são os homens! Deus incarnou, e fez-se infante de levar e trazer recados...! Tanta coisa que amar! O Ódio é uma perversão.

O Papagaio é o que mais palra. Disse-me que o *Se Zé Melo de Viana* lhe dera lampreia; a ele e ao *Hélio*. Fingi que não sabia. O rapaz não me quer ignorante e num instante explica: *é um peixe muito bom que não tem espinhas nem rumas*. Ora aqui deixo a definição pois consta que, mesmo entre os sábios, há dúvidas do que aquilo seja.

UMA CARTA

É do Baixo Alentejo. Letra bem feita. *Sou uma rapariga*, começa por revelar. Dá por testemunha o pároco da freguesia e o médico que a trata, Delegado de Saúde da região, segundo ela. Foi ele mesmo que indirectamente a levou ao transe de me escrever, quando lhe disse: *se v. tomar estas injeções talvez se cure*. A rapariga ouve a sentença. Aquele talvez é uma esperança. *Ajoelhei-me*, diz a carta. *Rezei*, torna a dizer. *Lembrei-me de si*, continua. E termina assim: *eu tenho muita pena de morrer*.

Ele haverá algo no mundo de mais simples, mais humano, mais nosso? Todos os elementos da vida estão aqui! *Ajoelhei. Rezei. Tenho pena de morrer*.

Vinha dentro a receita. Nós aviamo-la... A carta é do Baixo Alentejo. Atravessou herdades e rebanhos. Passou pelo Terreiro do Paço. Um nada acima, as Lezírias. Vinhedos de Torres e Bombarral. Tanta gentel! Tanto mundo! E a ninguém foi dito senão a nós—*eu tenho pena de morrer!* E eu tenho outra pena. Morro com ela: se há um homem a quem Deus permitiu descobrir remédio capaz de curar, porque não o colá-lo ao alcance de todos quantos dele necessitam. Quem põe o condicional? *se v. tomar*. Porque não o imperativo—*tome*. É um Delegado de Saúde. *Representa*. Esta é a minha dor!

EM DISTRIBUIÇÃO

«O OVO DE COLOMBO»

Pedidos à Editora
Tipografia da

CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.

PATRIMÓNIO DOS POBRES O OVO

Assim como na chamada Idade Média, anda hoje na Europa a hora dos Cruzados; homens que por outros processos estão trabalhando e querem trabalhar na libertação da pessoa humana em nome de Jesus Crucificado. Terra santal Lugares santos!

A doutrina do Património dos Pobres está mais para fazer bem aos ricos do que verdadeiramente aos que não têm casa para morar. O benefício daqueles, ainda que não imediato, como destes, têm, contudo, raízes mais fundas. É a alma. É uma conversão com todos os elementos espirituais. Pode importar numa mudança de vida, e é sempre penhor de Vida Eterna, segundo o Evangelho, que nunca faltou. Estamos numa hora de Cruzados. O mesmo objecto. A mesma finalidade. Se os meios são diferentes, é que os tempos também.

Ontem fui por aí abaixo à igreja Matriz de Águas Santas e preguei ali a senhora Ana de Jesus mais-los seus netos. Os leitores sabem de quem e do que se trata, conforme leram em o derradeiro número *Boas Notícias*. O pároco tinha estado aqui dias antes na companhia de dois vicentinos, que ofereceram terreno para casas. Era de noite. A igreja foi pequena e mais é de três naves! Mulheres, crianças e povo, exactamente como *naquele tempo*. Dei o nome de milagre à coincidência de ter descoberto a senhora Ana de Jesus a dormir no chão duma corte, e meses depois, proporcionar-lhe uma casa decente. Chamei-lhe um milagre. A hora. O sítio. A ocasião. A disposição dos ouvintes. Tudo. Nem coincidência, nem acaso. O dedo de Deus. Preguei a senhora Ana de Jesus, sim, afirmando que muito deve ela ter merecido a Deus no seu estado de viúva heróica, resignação e amor aos netos. Muito deve ter merecido, para ser assim pregada numa grande assembleia. *Quem sabe se ela está a no meio de vós?* — perguntei eu no púlpito. Estava. Estava com os seus netos. Uma condecoração silenciosa! Os homens não sabem fazer assim. Outros sistemas. Outras assembleias e no final o retrato. Quem é que duvida que dentro em breve a *condecorada* vai ter uma vivenda? Quem, pois se tudo isto que aqui se diz e lá se pregou é água da fonte! Não há-de levar muito tempo que eu a vá visitar no que é seu e depois torno aqui.

Uma vez que falamos hoje em riquezas e em ricos, façamos pausa. Entre cada um dentro de si. O reino de Deus não se encontra no bulfício; é dentro de nós. A hora dos afortunados chegou e consiste nisto: dar uma casa ou procurar que outros o façam. Isto é material de construção. Uma vez realizado o seu desejo e por amor da intenção com que o faz, aí temos na vida deles uma ponta de alegria interior. Alguma coisa a que se arrimem. Um valor real que se encontra. Deram uma casa a um pobre. Quem é ele? Não importa. Justamente por não saber a quem e não poder nunca receber o muito obrigado, mais alegria interior. Porquê? Porque é Deus. É Deus a retribuir e que retribuição! Ora aqui está. Assim se forma a consciência cristã. Assim se compreende a vida. Assim se chega ao fim dela e nos apresentamos ao *Justo Juiz* com algo nas mãos.

Segue-se agora uma carta de

alguém, algures. Não conheço. Nota-se uma mulher cristã, inteligente, resolvida. Obras, mais do que palavras. Nem condicional, nem futuro, nem nada. Tudo no presente. E' Gosto do verbo ser.

A carta é um documento de quanto vale a Obra do Património, *assistida* e continuada por outras obras congéneres. Sem isso, fica muito diminuída e não rende como deve. Leiam e tornem a ler:

«Começamos pela casa n.º 5, a tal que vem no Ovo de Colombo. A mulher vivia com o homem num tugúrio horrível sem ar e onde não entrava fimbria de luz. Pior que barraca esburacada. O filho 2.º, o Tô, de 10 anos, muito doente, já tivera 3 pleurísias, o mais novito, de um ano, um serzito raquítico, quase condenado. Da casa deles *nada* se pode aproveitar: cacos, farrapos apenas. O chefe da casa, jornalista e doente de reumatismo e de estômago. Balanço de 6 meses, ou seja, desde que a Obra do Património os chamou a si: a mulher, que nada parecia prometer neste capítulo, tem dado provas dum zelo extraordinário. A casa brilha; camas, paredes, armários, tudo bem. Coze o seu pão (como todas) no forno colectivo. Casaram, regularam as suas contas com Deus. São assistidos pela Conferência de S. Vicente de Paulo feminina que a todos visita frequentemente. Recebeu leite para o mais pequenino, que está irreconhecível, de melhorado, leite e ovos para o Tô, o das pleurísias, a quem uma senhora dá também uma refeição diária. Procura-se encontrar emprego certo, debaixo de telha por causa do reumatismo, para o Pai que é bom trabalhador e tem o quintal muito bem tratado.

Pobre mulher! Tão longe da meta ainda, taras tão difíceis de vencer! Não conheceu Pai e quando nasceu no hospital de Coimbra, já lhe morrera a Mãe.

Casa n.º 4—Mãe doente, viúva, e filha, dos seus 12 anos, muito fraquita. Viveram já razoavelmente, o Pai foi empregado da Câmara. Por sua morte ficaram na miséria. A pequena está-se preparando, ajudada por uma amiga do Património, para tirar o Curso Commercial. Recebem 1/2 litro de leite por dia, são amparados.

Casa n.º 3—A filhita mais nova, muitíssimo débil, é amparada pelo Centro de Assistência Social que lhe fornece alimento e assistência médica. A outra pequenita de um ano recebe 1/2 litro de leite de amigos do Património.

A Casa dos Pobres socorre com algumas refeições. É o casal, a avó e 4 filhos.

Luta-se com muita dificuldade para incutir bons hábitos de asseio e zelo.

Casa n.º 2—A viúva com seu rancho numeroso e aguerrido. O Zé Maria, um amor de rapaz, é o verdadeiro chefe daquela casa. E' o único ganho certo com que contam, o que ele ganha a engraxar. E' muito acarinhado por todos e em especial uma senhora veste-o e calça-o. O mesmo auxilio de leite, que não falta a cada casa para os pequeninos ou doentes. Luta-

se por aconselhar bem, amparar e empregar os filhos mais velhos, casos difíceis, dois por débeis mentais.

Casa n.º 1—A maior, 7 filhos, uma avó. O Pai jornalista, sofrendo muito de reumático. A Mãe trabalhando a dias fora de casa, sempre que consegue trabalho. Isto justifica bastante, assim como os velhos hábitos contraídos no tugúrio onde zelo e brio são palavras sem sentido, o abandono em que por vezes a casa se encontra. E no entanto: o garoto mais velho, dos seus 15 anos, está empregado numa boa casa comercial e frequenta à noite a escola commercial com aproveitamento. A pequena mais velha empregada também, durante o dia, numa casa particular. Outros vão à escola, ficam os mais pequeninos. Mães com tantos encargos, não deviam, não, trabalhar fora mas «nostra culpa»!

Como vê, alguma coisa vão fazendo os pobres e alguma coisa se tem feito por eles. De desamparados — e alguns *totalmente* — passaram a ser amados e assistidos por alguns corações, e eles próprios devem sentir que se abriu uma brecha no beco sem saída da sua miséria, brecha por onde penetram ondas de luz e que é promessa de libertação.

Dizem que o mundo vai mal que caminha vertiginosamente para a perdição... mas sabe, não sei que esperança sinto, que expectativa de melhor... vejo o meu coração pecador e outros à minha roda tão cansados de egoísmo e de falsidade, tão esfomeados de amor de confiança e de justiça, que não posso desesperar. Deus é bom e os homens hão-de acabar por render-se «ao encanto da bondade cristã».

Notícias da Conferência

da Nossa Aldeia

Ontem o Avelino liquidou a conta da farmácia. Nada mais nada menos de 1.200\$! Pusemos as mãos à cabeça, naturalmente. E foi então que me resolvi fazer soar aqui outro grito de alarme. E, com tristeza o digo, grito de dor também.

Qual a defesa do sub-alimentado trabalhador rural nas horas sombrias da doença? E se a morte sobrevém? A miséria duma Família!

Vale a pena pensar a sério e dar resolução a este problema de importância capital para milhares e milhares de portugueses que tiram da terra, com sacrifício, o pão que nos alimenta.

A acção material dos vicentinos é um entretém, em relação à gigantesca obra que urge realizar.

—Esta quinzena registamos uma carta de Guimarães, de alguém «que inspirado pelo nosso irmão que poupa nos seus cigarros manda 20\$00 mensais». Norberto Fernandes de Oliveira 50\$00. Assinante 17.022, 20\$00. O nosso muito amigo José Rocha, 10\$00. Castelo Branco, *Uma amiga de sempre*, 50\$00. *Bébé n.º 3* atrazou-se no pagamento das cotas e galga dois meses atrasados — Novembro e Dezembro — com 20\$00.

Zé da Lenha fez entrega ao distribuidor e agora já não tem nada na sua secção. Tudo arrumado. Os seus ajudantes trabalharam como homens. Em paga a senhora da cozinha deu um ovo cozido a cada um. Manuel Pinto, por seu lado, executou as 3.250 fichas e neste momento estamos aptos a entregar os sobrantes a quem quer que requisite. No entretanto, os padres Horácio e Adriano, levaram meio cento cada um e Júlio, por devoção, despachou outros tantos para o Mário Pinho, da Beira e Sebastião Jaime, de Lourenço Marques. Andam por lá ovos.

Cartas a pedir, são de todos os dias. Termos com que o fazem, são os mais originais. Uma dizia assim— *queiram mandar-me todos os ovos que essa galinha for pondo*. Estas cartas são dirigidas aos editores. Eu não sou. É preciso que eu desapareça e eles cresçam. Sim. Mais ovos. A galinha, agora, só no fim do ano é que torna a pôr. O ovo é indigesto, por causa da gema; e esta qualidade, é tudo gema. Por isso, só no fim do ano. *Viagens*. *Viagens* será o próximo livro. Zé Eduardo ao Brasil. Avelino aos Açores. Júlio à África. Eis os três viajantes que vão escrever. Não se esconde nada do que se pode dizer. Não se diz nada do que se deve esconder. Eis a divisa. Com ela e dentro dela, podemos colocar em movimento todos e cada um dos próximos leitores.

Assim como os que têm saído das nossas mãos, também este, *Viagens*, vai ser um livro de horas. Horas de meditação. Em todas as suas páginas, à maneira que andamos, teremos ocasião de ver o Criador no meio da sua Criação. E é isto justamente o que vai faltando na literatura do nosso tempo. A técnica pretende resolver sem a presença e actuação de Deus, daí ser tudo vazio e proclamar-se agora e logo a chamada *crise do livro*. Nós cá não. Não senhor.

Já recomendei ao Júlio para começar. Dar a um dos compositores a tarefa do futuro livro, o qual será tirado das colunas de *O Gaiato*. Papel e formato do *Ovo*, ficando assim, livro de algibeira, de sorte que, um que viaje, pode comodamente ler *Viagens*. Começando-se na Páscoa, ninguém o espere antes do Natal, para ser distribuído nos primeiros dias do ano que vem. Júlio é de opinião que se faça apenas uma edição por ano. Ele considera a parte económica dos nossos leitores. *Não vê como alguns dão o dinheiro com sacrificio?* costuma o Júlio revelar-me, pelas cartas que recebe. Ora eu gosto. Gosto muito que ele se importe com os mais, no que diga respeito ao bem de cada um. Pensando no nosso semelhante, pensa Deus em nós. E quanto mais, — mais.

Continua na quarta página

PELAS CASAS DO GAIATO

Imagens da Casa do Gaiato

TOJAL A senhora, nossa governante, adoeceu derivado ao muito trabalho que tinha. Trabalhava todo o dia desde as 6 horas da manhã até às 11,5 da noite e levantava-se 3 vezes por noite para acudir aos batatas. Agora tem que estar um tempo a descansar até poder ser operada. Já estamos a sentir a falta. O cozinheiro, deixa às vezes o fogão e vai jogar à bola e o resultado é que tem já aparecido a comida sem sal e as batatas cruas. O Zeca anda todo triste porque agora já não tem a mãe. Nós cá não nos esqueçamos da senhora nas nossas orações, para que ela volte depressa e tenha quem a ajude.

— Temos tido grande número de pedidos para empregos, mas não temos rapazes. A maior parte deles estão ainda nas escolas. Esperamos que para o próximo verão saiam com o seu exame da 4.ª classe, uns quinze e então já podemos acudir aos senhores que querem bons empregados.

Dos que estão empregados em Lisboa, quase todos têm aproveitado. Mas há um ou outro, enfim que ainda não sabe o que é a vida. Não vamos mais longe, temos aqui o Vicente que começou a faltar à oficina. Ele estava a trabalhar no torno mas pediu ao patrão que o deixasse ir para o escritório. O patrão fez-lhe a vontade mas foi mal. A boa vida de escritório fez-lhe perder a cabeça e por isso teve de regressar ao Tojal. O Octávio, esse também deixou o emprego e foi dar um passeio até Coimbra, mas voltou. Esteve junto de nós aqui no Tojal, uns diazitos para castigo. Está de novo no trabalho e vamos a ver se não cai noutra criança.

— Anda muita gente interessada em saber o dia da festa da inauguração da nossa igreja. Ainda não está nada assente, mas contamos que seja benzida pelo senhor Cardeal, no dia 2 de Maio à tarde, e que o senhor Engenheiro cante a Missa Nova no dia 3 de manhã. Mas se não nos derem um harmonio, não dizemos nada e fazemos a festa sózinhos. Uma igreja sem harmonio, é como um automóvel sem corneta. Pedimos que não se esqueçam de nós.

Joaquim A. Gouveia Marques

PACO DE SOUSA A semana passada chegou mais um rapaz. É de Valpedre e parece ser um pouco anormal, pois já foi várias vezes encontrado a comer couves na horta. Houve quem lhe pusesse por esse motivo o apelido de Zé Nabo, mas parece-me que não "colou", pois a maioria chama-lhe Alirio.

— Esteve cá o pessoal do jornal «A Comarca de Arganil», que muito admira a nossa Obra. Depois de verem todos os cantos da nossa aldeia, incluindo a tipografia, inscreveram dois assinantes no nosso jornal, que pagaram pela assinatura a quantia de 100\$00.

Também cá esteve o senhor José Castanheira Nunes, nosso íntimo amigo, a quem tive a honra de cumprimentar. Foi pena não estar presente o Pai Américo, que quando lhe contei, mostrou imensa pena. Muito obrigado amigos pela visita e esperamos vê-los de novo na nossa aldeia.

— Aqui atrás fizemos no salão das escolas um renhido campeonato de Ping-Pong, o qual não acabou pelo motivo de todos quererem jogar ao mesmo tempo numa só mesa. Ao ponto que eu quero chegar é a este episódio que se passou com o Foz e o Requecheque. Como o Foz que é o cozinheiro, ia nos últimos lugares, pediu ao Requecheque se lhe deixava ganhar, que lhe dava um prato de conduto... E assim aconteceu. O Foz ganhou a partida e o Requecheque ganhou o prato de conduto...

— Precisamos de uma bola de câmara, pois não temos nenhuma e temos jogado com bola de borracha, sendo estas muito pequenas. Cá gastam-se muitas bolas, pois somos muitos e sofremos todos do mesmo... Fácil é a direcção: Aos rapazes da tipografia, Casa do Gaiato, Paço de Sousa.

— Quanto a jornais para a minha colecção recebi um pacote deles do senhor Albino de Coimbra, que me lembrou para eu o recomendar nas minhas orações, pois tem estado doente pelo motivo de ter feito uma operação. Tenho cumprido e desejo-lhe muitas melhoras. Do senhor A. Napoleão Vieira e Sousa, de Luanda, também recebi jornais daquela nossa provincia ultramarina. E como não podia deixar de ser, a senhora de Comba, está sempre na bicha.

— E quanto a selos: um envelope deles de um anónimo. Outro tanto de José Augusto Serras Pires, Vila Gouveia, Beira, Moçambique. Igual quantia de um senhor, também de Moçambique. Por último recebi do senhor A. Napo-

leão Vieira e Sousa, chefe das Altândegas de Luanda, Angola, que me enviou uma carta com 12 páginas escritas dos dois lados. Foi uma carta como nunca vi, pois além de ser extensa, apensa vários selos de animais tão lindos e fazendo um perfil a cada um e indicando o seu valor filatélico. Também trazia várias espécies de rótulos e selos vários, de tabaco e charutos, dos quais fiquei a gostar muito e alvitro aqui aos nossos amigos. Pode enviar os rótulos da marca de tabaco fabricado aí, pois fiquei a gostar muito do exemplar enviado. Também teve a amabilidade de me enviar uma colecção de moedas, sendo umas de prata. Também disse para eu pedir aos nossos amigos leitores e eu cá estou. Vamos a ver se eles caem!... Fiquei muito entusiasmado com os selos que me enviou, pois são animais, passarinhos e peixes. Só tenho pena de ainda não possuir o album de Portugal e Colónia.

Daniel Borges da Silva

AGORA

À frente vai um professor primário dos Carvalhos com 500\$ para uma porta. Ele expressa a vontade de que outros professores respondam. A sua linguagem é heróica e também se chama heroísmo, tirar aquela soma a tão magros proventos. Deixem passar esta modesta funcionária da Câmara Municipal do Porto:

«Envio a importância de 1.000\$ (2.ª prestação). Espero que Deus me ajudará para poder cumprir o que tanto desejo — dar uma casinha a uma família das mais necessitadas. Não temos mimos em casa, mas graças a Deus, hoje, temos o pão nosso de cada dia mais ou menos assegurado, isto é, enquanto Deus nos der saúde; por isso vai um pouco dos nossos sacrifícios.

P. S. — Tenho seguido com interesse a construção e o projecto de construção de casas para pobres nesta cidade do Porto, que tanto lhe quero.

Porque não se reunirão todos os paroquianos de cada freguesia e estes contribuiriam com o dinheiro para uma casa que ficaria com o nome da mesma? Isto é, por exemplo; casa da freguesia de Cedofeita, do Bonfim, etc.

Fale, senhor Padre Américo, nesta ideia, que creio, será bem aceite. A Câmara aceitou com interesse este movimento e estou certa, dentro do possível, dar-lhe-á mais terrenos.»

Isto chama-se construir. Esta voz é construtiva. O espírito vivifica. Ainda que não fosse possível fazer casas, todos viamos, por esta carta, como elas se constroem. Vai um senhor de Lisboa com 500\$. Vai a mãe do costume com 100\$ do filho. Uma bracaraense que mora em Lisboa, leva 100\$. Ao pé vai outro com 160\$. Um nadinha ao lado vai aquele que tem pago a prestações de 1.000\$, sendo a de hoje a décima primeira. Está praticamente no fim. Deu uma casa a um pobre. Tem a vida assinalada. Algo que mostrar à hora da morte. Muito a que se apoiar durante a vida. E assim nos despedimos. Reze por mim, quem quer que seja. Vai uma pecadora de Lisboa que tirou 200\$ às suas horas de trabalho. S. João da Madeira leva 20\$. Agora queiram dar muito espaço. São ferroviários:

«Nesta data envio em vale de correio a importância de 349\$00, primeira prestação e referente ao

*** À porta das oficinas de composição, onde se fazem os lindos adjectivos deste jornal, encontram-se arcos e ganchetas. No espacoso refeitório dos médios, aonde é a mesa dos senhores e encostadinha a esta, eu vejo arcos e ganchetas. Na mesma posição os topo à porta da capela. O Manel do Embrulho, por mais engenheiro, inventou uma coisa de girar em três rodas e ontem, à hora de servir, larga os pratos e faz uma demonstração do seu invento, pelo refeitório além. Após o que, abeira-se de mim e quer saber qual a minha opinião. Ora eu queria mas era comer a sopa.

*** De quatro gansos que temos, só um se deixa apanhar. É o Zé. O Zé Ganso. Nasceu. Em pequenino foi muito falado. Muito discutido. Todos o queriam. Cresceu. Tornou-se igual no tamanho e plumas, mas quer colo. Os outros não. Ontem foi o dia que o Formiga mo trouxe à mão, olhe. E eu peguei no Zé Ganso. Os quatro, grandes e brancos de neve,

mês de Janeiro, a que se seguirão outras, até perfazer o total de 12.000\$00, destinados a uma casa do Património dos Pobres, oferecida por alguns ferroviários pertencentes à 10.ª Secção de Via e Obras.

Peço desde já desculpa, pelo tempo que se demorar a angariar tal importância, mas, como os vencimentos deste punhado de pobres, mal chegam para o dia a dia, só o amor pelo próximo e a satisfação de ver substituir mais um barraco, por uma casa onde o ente humano possa viver, fez o milagre de tornar suficientemente ricos estes pobres para dar ainda a outros mais pobres.

No caso de ser possível, gostaríamos que esta casa fosse sempre destinada a um nosso camarada pobre e além disso, que fosse construída na vila da Régua, sede dos serviços a que pertencemos ou ainda no seu concelho.

No caso de ser impossível, a construção poderia ser feita em Vila Real ou seu concelho, visto ficar mais perto da sede.

Pedimos o favor para que, além da tradicional legenda «Património dos Pobres», numa das paredes fosse inscrita mais esta: «Casa oferecida pelos ferroviários da 10.ª Secção de Via e Obras»

Sim senhor. Tudo como desejam. O pároco de Fontelas está construindo e tem terreno para mais. O mesmo digo do pároco de Portelo de Cambres. Ainda ontem ali estive. A igreja é no alto. Ao fundo o Douro. Ele indica os sítios aonde as casas vão ser. Este an vamos construir cinco. Seja aqui, seja em Fontelas, tudo é perto da Régua. Mas ele não é bem isto aonde eu quero chegar. Esta carta dos ferroviários de Vila Real, é um trono. Trono de realeza. Realeza de Cristo. Só o amor pelo próximo fez o milagre de tornar suficientemente ricos estes pobres, para dar ainda a outros mais pobres. É aqui aonde eu quero chegar. Nunca se ouviu tanto em tão poucas palavras! Avante ferroviários! Vão aqui 20\$ do fumista do costume. Vai a Júlia de Lisboa com 200\$ e diz: meu marido promete ajudar. Temos casa pela certa. O Património dos Pobres não é só para os pobres; é mais para os ricos.

escolhem o mesmo sítio e lá vão eles todos os dias, para a ponta da relva, dum campo que temos perto. Ali estão até à noite, a emprestar à nossa aldeia o que jamais ninguém poderia fazer. Quem tem de casa e de seu tanta beleza? Já me disseram que estão gansinhos a nascer...!

*** Ande daí. Alguma vez há-de ser a primeira. Era o Machado. O barbeiro da aldeia, a tentar-me. Ele anda morto por me fazer a barba e eu idem por lhe fugir. Ande daí. Ora eu tinha justamente notado um grande corte na cara do Avelino, de véspera, e tomei este caso para me defender. O barbeiro desculpa-se. Acontece. E põe imediatamente o caso do Sérgio. Olhe que a barba dele é que nem carqueja e eu sou que a faço. Sou eu. Para encurtar fui. Entrei na loja. Estava uma data de fregueses. O mestre deu-me a preferência. Sento-me. Muito esmeril. Muito aguçar. Muito ensaboar. O mestre cheio de medo. Eu cheio de medo. Escapei!

Peditórios

Foi nas duas igrejas do Carmo. Foi na extensa igreja da Lapa. Havemos de as percorrer todas, dando-nos Deus força e ocasião. Dez contos na primeira. Doze contos na segunda. Das outras se dirá.

Nós não nos dirigimos aos fieis a pedir uma casa. Ninguém vai prevenido. Ninguém leva doze contos para uma igreja. Mas fica a palavra. A palavra é uma espada. Tenho aqui uma carta de alguém, que dá ao nosso quinzenal o nome de Espada. Nunca até hoje o chamaram assim, mas está certo. Está muito certo. S. Paulo, costuma ser representado com uma espada nas mãos e ele mesmo, falando da palavra de Deus, compara-a aos dois gumes de uma espada, que penetra, caustica, abre as entranhas. Isto vem para dizer, que de maneira nenhuma perdemos a esperança pela razão de não estarem na maré prevenidos os que escutaram. Fica a palavra. Além da palavra, há a urgência. Temos também a justiça de Deus. Tudo isto é uma preparação para o «toque». A hora de Deus, manifesta-se interiormente, por sinais silenciosos; e aqui temos uma ou mais casas no Banco Espirito Santo, conta do Património dos Pobres.

Devemos amar este nome. Chamar o nosso quinzenal aos que beneficiam da Obra. Aonde foram buscar? Quem trouxe os economicamente debeis? Que nome é este? Não vem nas Escrituras. Ali fala-se de Pobres. Ajudá-los é obrigação dos que quiserem dar testemunho de Cristo Jesus. Ajudá-los como tais. Classificá-los não.

Enquanto os «padres da rua» saem a mendigar, enriquecem os homens que os ouvem; até aos pobres damos ocasião de enriquecer. Como? Dando para outros mais pobres do que eles. Por isso, nos púlpitos de Lisboa e Coimbra andam mendigos e esta é precisamente a nossa riqueza. É o timbre. É a voz da Obra da Rua. O Padre Grilo em Matozinhos. As Criaditas em Coimbra. As Irmãzinhas dos Pobres. Todos nós vamos aonde nos chamam e se não nos chamam vamos.

«O OVO. — Continuação da página anterior»

Se com veemência, — também com veemência pensa Deus em nós.

E aqui temos duas notícias agradáveis; uma do livro que está, ou tra do livro que vem. Dois pratos da mesma refeição. Enquanto digerimos um, prepara-se a gente para o seguinte. É mais nada.